

# A COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO COMO RESISTÊNCIA: uma análise sobre o uso da informação na atualidade

*Anna Cristina Brisola*

Doutoranda em Ciência da  
Informação pelo Programa de Pós-  
Graduação em Ciência da Informação  
do Instituto Brasileiro de Informação  
em Ciência e Tecnologia e  
Universidade Federal do Rio de  
Janeiro.

E-mail: [anna.brisola@gmail.com](mailto:anna.brisola@gmail.com)

*Nathália Lima Romeiro*

Mestranda em Ciência da Informação  
pelo Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação do Instituto  
Brasileiro de Informação em Ciência  
e Tecnologia e Universidade Federal  
do Rio de Janeiro.

E-mail: [ntromeiro91@gmail.com](mailto:ntromeiro91@gmail.com)

## RESUMO

Este artigo pretende discutir sobre as relações entre a informação e a cidadania a partir de perspectivas da Ética e da Competência Crítica em Informação. Pensar a ética que envolve a informação e extrapola as questões normativas, considerando as relações sociais. Demonstrar a importância do fomento à Competência Crítica em Informação para promover cidadãos éticos participativos, autônomos no exercício de sua cidadania. Reforça a relevância da Competência Crítica em Informação e do papel de profissionais de Biblioteconomia no aprimoramento desta crítica e competência, para resistir a desinformação, *fake news* e boatos, bem como promover um cidadão que, diante da enxurrada de informações, consiga selecionar criticamente aquelas que são importantes para si. Pensar nas dimensões da Competência em Informação, reforçando a importância dos estudos críticos e reflexivos que justificam o uso de Competência Crítica em Informação.

**Palavras-chave:** Competência Crítica em Informação. Ética. Cidadania. Desinformação. Competência em Informação.

THE CRITICAL INFORMATION LITERACY AS  
RESISTANCE: An analysis on the use of information in  
the present time

## ABSTRACT

This article intends to discuss the relations between information and citizenship from perspectives of Ethics and Critical Information Literacy. Think about the ethics that involve information and extrapolate normative questions, considering social relations. Demonstrate the importance of promoting the Critical Information Literacy to promote participatory, autonomous ethical citizens in the exercise of their citizenship. It reinforces the relevance of the Critical Information Literacy and the role of Librarians in the improvement of this criticism and competence. Reinforces the relevance of Critical Information Literacy to resist misinformation, fake news and hoax, as well as to promote a citizen who, in the face

of the flood of information, is able to critically select those that are important to him. To think about the dimensions of Information Literacy, reinforcing the importance of critical and reflexive studies that justify the use of Critical Information Literacy.

**Keywords:** Critical Information Literacy.. Ethic. Citizenship. Misinformation. Information Literacy.

## 1 INTRODUÇÃO

Aristóteles poussa sobre a política a responsabilidade de guiar a ética para as outras esferas da vida, “ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela” (ARISTÓTELES, 1991, p.1). Logo, de acordo com o autor, para que a ética perpasse a ciência, educação, cidadania, economia e a informação, ela precisa estar atrelada à uma perspectiva política. Não à política singularmente Estatal, mas à política que envolve, ou deveria envolver, toda sociedade e atravessa a própria vida.

A ética e a política são, portanto, fundamentais para alicerçar qualquer estudo sobre informação que também leve em consideração a sua importância para a construção de uma cidadania ampliada.

Competência em Informação (CoInfo) é um dos termos utilizados para a tradução de *Information Literacy* no Brasil. O conceito é definido pela *Association of College & Research Libraries* (ACRL) como “o conjunto de capacidades integradas que englobam a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética nas comunidades de aprendizagem.” (ALA, 2015, p.12)<sup>1</sup>. Esta, considera o pensamento crítico como relevante para a CoInfo, entretanto, não se aprofunda teoricamente no que consiste as bases filosóficas que fundamentam esse pensamento. “A dimensão crítica da competência em informação é o amálgama que diferencia o que é simplesmente disponibilizado, técnico ou ensinado (formal ou informalmente pelos

---

<sup>1</sup>Tradução das autoras deste texto diretamente do site da ACRL. Disponível em: <[http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework\\_ILHE.pdf](http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework_ILHE.pdf)> Acesso em:03/04/2018.

dispositivos técnicos ou aparatos de poder), daquilo que é criticamente apreendido e utilizado pelo indivíduo competente crítico em informação” (BRISOLA, 2017, p. 9).

No contexto temporal designado como “era da informação” (CASTELLS, 1999), em que a informação se prolifera e circula em uma quantidade e velocidade vultosas, a ferramenta para a melhor aquisição do conhecimento, seja na educação formal e/ou na informal, é a Competência Crítica em Informação. Aponta-se assim, a Competência Crítica em Informação como uma perspectiva teórica dentro da Biblioteconomia e Ciência da informação que permite uma análise sobre a Ética enquanto disciplina. Esta, é a chave para o uso e propagação éticos da informação e uma compreensão e apropriação da política, cidadania e ciência. Para burlar e entender os mecanismos hegemônicos que embotam, escondem e distorcem a verdade, é desejável que a pessoa cidadã tenha Competência em Informação, enfatizando o pensamento crítico, consciência crítica e pensamento reflexivo.

Diante disso, o objetivo deste artigo é, através de uma revisão bibliográfica e estudo teórico, demonstrar a importância do fomento à Competência Crítica em Informação para formar cidadãos participativos, autônomos no exercício de sua cidadania e éticos. Reconhece-se a necessidade da mobilização e atuação de profissionais da Biblioteconomia (bacharéis e licenciados) entre outros profissionais da informação em geral, especialmente no que diz respeito à avaliação de informações consumidas, sobretudo no contexto *web*. De acordo com Spudeit e outros (2017, p. 901) a avaliação da informação “Pauta-se na avaliação dos conteúdos recuperados com base em critérios tais como [a] veracidade, a credibilidade, a confiabilidade e a qualidade da informação bem como a autoridade”.

Diante disto, deseja-se que os indivíduos além de reconhecer sua necessidade de informação, buscar e acessar, distingam informações relevantes para seus interesses de boatos, *fake news*, distorções da informação etc. Estima-se que esta pessoa, munida de Competência Crítica em Informação, entendendo esta competência como algo adquirido ao longo da vida, desenvolve uma resistência (política) baseada em uma leitura crítica ante a informação.

## **2 INFORMAÇÃO À MERCÊ DO SISTEMA POLÍTICO, ECONÔMICO E DOMINANTE**

Ramonet (2003), quando discorre sobre a informação, destaca que cada dia existem menos fronteiras entre os mundos da informação, da cultura de massa e o da comunicação institucional (publicidade e propaganda no sentido político da palavra). Na atualidade, com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a informação como coisa, a imagem, o texto e o som se fundem ao que chama-se de máquinas de comunicar. A informação que antes estava restrita ou se moldava a um suporte de comunicação (imagens estáticas e texto em impressos, áudio no rádio, áudio-visual no cinema ou TV), com o advento da internet convergem para um mesmo ambiente digital. Um único meio de comunicação, o digital, através de aparelhos como celular ou computador, encerra todas essas formas de comunicação, de maneira simultânea e/ou “hiperlínquica” em uma “leitura” horizontal.

Neste mundo, os poderes se amalgamam – o poder econômico e o Estatal se unem ao poder das mídias e propagadores de informação em prol de um sistema que programa cérebros para aceitar o modelo hegemônico, apresentando e reforçando o modelo de vida vigente. Neste contexto, esses tipos de informação são compreendidos essencialmente como mercadoria.

Ramonet (2003, p.247) elucida que este, “Não é um discurso que tenha vocação ética de educar o cidadão ou informar, no bom sentido da palavra, o cidadão, pois tem essencialmente antes de mais nada uma perspectiva comercial. Compra-se e vende-se informação com o objetivo de obter lucros”. Os próprios indivíduos que consomem a informação tornam-se também mercadoria. O cidadão está à mercê desse sistema que eclipsa da formação da pessoa, o desenvolvimento do pensamento crítico e a Competência Crítica em Informação.

Mesmo em informações científicas e acadêmicas há uma interferência destes poderes, seja através de fomentos, escolhas de temas ou status conferidos a determinados assuntos de interesse. Romanelli e Schneider (2014), ao escreverem sobre divulgação científica, levam em consideração que este é também um espaço de disputas de poder, tanto entre os produtores de informação científica, quanto ao que diz respeito das pressões econômicas e políticas que atuam sobre o campo científico e enfatizam a

necessidade da incorporação da dimensão ético-política na ciência, e, por consequência, na informação.

### **3 INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO X ÉTICA E COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO**

A ética é um campo da filosofia que produz estudos críticos, com ou sem propósitos normativos, dos valores morais e de seus fundamentos, ou seja, dos valores e fundamentos que estabelecem quais ações humanas devem ser consideradas certas ou erradas<sup>2</sup>. Sob esta perspectiva, ela é necessária para a formação de um cidadão que distinga criticamente o bem e o mal.

Contudo, o ensinamento da ética não deve apresentar apenas uma perspectiva que se assemelha à ótica iluminista, mas também como uma ferramenta que auxilia a pessoa a distinguir as armadilhas, distorções, manipulações e embustes contidos nas informações em diversos espaços (analógicos ou digitais). O mesmo pode ser dito da Competência Crítica em Informação. Na atualidade essa capacidade de distinção se torna mais importante diante do *tsunami* de informações que permeiam a vida contemporânea. Martins (2007), aborda a questão da informação na contemporaneidade no texto de apresentação da Conferência Gulbenkian<sup>3</sup> em 2006:

a «situação espiritual do nosso tempo» é classificada como «angustiante». E é-o por configurar «uma crise geral do sentido», que o mesmo é dizer, uma crise geral dos valores. Ao fazer entretanto o diagnóstico da crise, o Programa da Conferência declina com grande exaustividade a temática do fim – não apenas, nem essencialmente, o fim na cultura e o fim no pensamento contemporâneos, mas sobretudo o fim do sentido. (MARTINS, 2007, p. 1)

A crise vem da dificuldade, ligada ao descolamento da ética, em distinguir o que é verdadeiro do que não é, distinguir os valores. Imersos em um enorme volume de informações e distantes de um pensamento crítico, as pessoas são absorvidas pela hegemonia dos meios de comunicação de massa e passam a ter pouca capacidade de diferenciar o pensamento individual, livre e novo da mentalidade repetitiva e

---

<sup>2</sup> Citação de anotação de aula do Prof. Marco Schneider, em 23/03/2017, no PPGCI IBICT/UF RJ.

<sup>3</sup> Conferência Preparando a Sociedade e o Ambiente para a Sobrevivência Global em 19 Fevereiro de 2006 em Lisboa organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian

hegemônica. Perde-se a identidade e a memória, o “fim do sujeito” em si – “eu’, ‘consciência’, ‘memória” (MARTINS, 2007, p. 2). Neste contexto, o indivíduo passa a ser parte do todo, o ser como pensamento do outro ou alteridade. É o que parece ser, a imagem projetada para o outro e a consciência hegemônica projetada no eu.

Diante dessa crise, surge o termo “pós-verdade”<sup>4</sup>, eleita em 2016, dez anos após a conferência e da afirmação acima, pelo departamento da Universidade Oxford (Oxford Dictionaries), como a palavra do ano na língua inglesa, entretanto, a complexidade que envolve o termo, sobretudo quanto a dimensão de seu significado já vem sendo discutido há muito mais tempo. Autores como Rafael Capurro (2015; 2016) trazem à tona as questões éticas da informação e Ignácio Ramonet (2003) e Pascual Serrano (2010) vêm publicando sobre as distorções e manipulações que a informação vem sofrendo inclusive nos meios de comunicação dominantes e poderosos.

A preocupação e responsabilidade com a verdade na sociedade contemporânea foram relaxando e ficaram flácidas. Diante disso, pode ser apontado que a cada dia, as preocupações com a análise crítica sobre as informações disponíveis nos mais diversos espaços físicos e virtuais bem como a Competência Crítica em Informação da comunidade (científica e não científica) tornam-se cada vez mais necessárias nos estudos da Biblioteconomia e Ciência da Informação e deveriam, também, permear os estudos da Comunicação.

Ramonet, no prefácio do livro de Serrano, atenta para o fato de que nos meios de comunicação dominantes – imprensa, TV, rádio e internet – a função principal é “convencer o conjunto das populações de sua adesão às ideias das classes dominantes” (SERRANO, 2010, p. 9). Assim, um dos maiores mecanismos de censura na democracia é o grande volume de informação disponível, conhecido popularmente como superinformação. A quantidade de informação que é veiculada impede o acesso à

---

<sup>4</sup> O significado dado pela Oxford é “Pós-verdade - um adjetivo definido como "relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que o apelo à emoção e à crença pessoal". Segundo a Oxford o significado deste “pós” não é o habitual, que denota tempo – após, e sim um sentido de superação, do tempo em que um conceito não tem mais relevância ou importância. Assim pós-verdade seria de certa forma a superação da relevância da verdade. Segundo o mesmo site “A pós-verdade parece ter sido usada pela primeira vez neste sentido em um ensaio de 1992 do falso dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich na revista The Nation. Refletindo sobre o escândalo Irã-Contra e a Guerra do Golfo Pérsico, Tesich lamentou que "nós, como pessoas livres, decidimos livremente que queremos viver em algum mundo pós-verdade". Teria sido a primeira vez que a palavra era usada nesse sentido de que a verdade se tornou irrelevante. Em 2016, em função das eleições nos EUA a palavra ganhou força e passou a ser repetida com muito mais frequência. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 30/05/2017

informação realmente relevante tanto para a pessoa que busca ampliar seus conhecimentos, quanto para aquela que utiliza os espaços digitais para troca de informações ou entretenimento.

Serrano (2010) sublinha que as informações desconexas, sem contexto, conflitantes e incompletas impedem que a maioria do público consiga interpretar as informações. Grande parte da população ainda está distanciada das informações que busca e necessita para sua emancipação, por falta de acesso à formação crítica ou aquisição de uma leitura de mundo crítica, ficam assim, incapazes de transpor essas barreiras e suscetíveis à manobra informativa. Um problema já foi colocado muito antes por Kant, que aponta a necessidade da interferência da ciência na questão.

A inocência é admirável; mas é por outro lado muito triste que ela se possa preservar tão mal e se deixe tão facilmente seduzir. E é por isso que a própria sagesa – que de resto consiste muito mais em fazer ou não fazer do que em saber – precisa também da ciência, não para aprender dela, mas para assegurar suas prescrições entrada nas almas e para lhes dar estabilidade (KANT, 2007, p. 37)

Diante deste quadro, potencializado pela “sociedade da informação”, o cidadão, que está a maior parte do tempo sujeito às informações vindas dos meios de comunicação hegemônicos, principalmente TV e redes sociais digitais, cria uma acomodação a estes formatos de informação/desinformação. Pela facilidade em acreditar e se identificar com as informações prontas com as quais já está habituado, torna-se refratário às informações científicas. A desinformação, mentira, sensacionalismos e pós-verdade, ganham espaço e terreno fértil, se espalhando não só nas conversas presenciais, mas também em comunicações à distância, sobretudo em postagens nas redes sociais digitais. A não verdade, é criada para aderir melhor às expectativas das pessoas e assim ganha poder de propagação. A verdade por sua vez, nem sempre é agradável ou compatível com as expectativas das pessoas.

O problema, portanto, é muito maior do que termos ou expressões tidas como “na moda”. A desinformação vem tomando proporções tão assustadoras que, até mesmo os que dela auferem lucro, como o *Facebook* e o *Google* por exemplo, passaram a se preocupar com “selos de verdade”.

Em se tratando de estudos científicos, o problema é facilmente medido quantitativamente. Teoricamente é possível apontar os perigos e danos de uma situação

informacional como esta. Tampouco é difícil aferir empiricamente a gravidade desta situação. Este é um assunto de extrema relevância para a Comunicação e Informação como área de conhecimento, que deve ser explorado sob todas as perspectivas possíveis. A esta discussão, interessa a formação de um usuário das informações competente e crítico. Se as pessoas não forem estimuladas a pensar criticamente as informações que recebem, tendemos a um panorama informacional de degradação e manipulação da informação sem precedentes.

Uma solução possível para esta crise passa necessariamente pela ética e pela Competência Crítica em Informação, uma vez que a ética permite a distinção do bem e do mal, da verdade e da mentira, além de dispor sobre o que é certo ou não no que diz respeito à elaboração, divulgação e uso da informação. Já a Competência Crítica em Informação, prepara o usuário para olhar criticamente a informação e se capacitar para distinguir entre o que é relevante e/ou irrelevante, buscar fontes seguras de informação, hierarquizar as informações, utilizá-las, produzir novas informações, ser criativo, contextualizar etc.

Nesta perspectiva, acredita-se na figura de profissionais de Biblioteconomia (Bacharéis e Licenciadas/os) como agentes de transformação no que consiste a mediação das informações para além da informação dada, exposta no ambiente *web* e consumida por usuários. Além de mediar o processo busca, acesso e uso, estes profissionais podem auxiliar usuários instigando o desenvolvimento do pensamento crítico. Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014) reconhecem a importância destes profissionais quando dizem:

A competência em informação, considerada como um processo que tem por finalidade desenvolver competências e habilidades informacionais para aprimorar o pensamento crítico e analítico das pessoas em relação ao universo informacional, pode ser implementada e desenvolvida em bibliotecas por meio de programas com o apoio de mediadores - bibliotecários e professores (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 61)

Esta solução pretende uma construção do conhecimento que dê autonomia criativa e construtiva às pessoas para que, então, estas possam interferir na sociedade promovendo a ampliação de sua cidadania e mudanças necessárias à uma sociedade mais justa e participativa. Participação esta que pensa na cidadania e em uma sociedade mais consciente e produtiva, que crie e expande seus conhecimentos para além da pura replicação hegemônica e das armadilhas da pós-verdade.

Embora remonte à Antiguidade, a noção de informação assumiu na contemporaneidade importância e significado singulares, gerando novas questões e novos debates relativos ao seu conceito, natureza, organização e implicações, diretas ou indiretas, para os indivíduos e para a sociedade, imprimindo-lhe, desse modo, autonomia como objeto de reflexão. (VITORINO e PIANTOLA, 2011, p.100)

Vitorino e Piantola (2011) destacam a importância social da informação como “elemento constituinte da cultura de um grupo, é, em sua essência, condição de permanência e instrumento de mudança [...] componente fundamental para o exercício da cidadania no contexto democrático” (VITORINO e PIANTOLA, 2011, p.101). Contudo o simples acesso à informação e ao conhecimento não são o bastante para alicerçar o exercício da cidadania, afinal, “a cidadania não se constrói apenas a partir do acesso material à informação, mas deve compreender também a capacidade de interpretação da realidade e de construção de significados pelos indivíduos” (VITORINO e PIANTOLA, 2011, p.101). Desta forma, o pensamento crítico é imprescindível a essa competência e ao exercício da cidadania. O grande volume de dados e informações disponíveis na contemporaneidade só será de fato benéfico se as pessoas a utilizarem para resolver ou minimizar questões informacionais.

A Competência em Informação é classificada em quatro dimensões por Vitorino e Piantola (2011): dimensão técnica, dimensão estética, dimensão ética e dimensão política. Essa classificação permite uma visão que abrange mais do que apenas as questões técnicas/instrumentais, tendo como centralidade a compreensão, significado e contexto. Aqui expõe-se novamente as questões da desinformação, pós-verdade, ética e competência crítica em informação. No contexto informacional da atualidade é necessário articular esses conceitos e questões para situar, compreender e otimizar a informação e seu uso.

A dimensão técnica vem sendo discutida amplamente na CI e tende a relacionar a CoInfo à aquisição das habilidades e domínio dos instrumentos de busca, acesso, avaliação e utilização da informação. Trata-se da dimensão mais evidente, por ser atividade eminentemente prática, de caráter objetivo que procura responder a problemas suscitados. Essa tende a ser uma visão mais tecnicista, uma vez que ignora a dimensão política e social. “Norgaard aponta que há um engano frequente nos estudos sobre competência informacional: a ideia de ser esta uma habilidade neutra, ligada às

tecnologias, meramente funcional ou performativa” (NORGAARD, 2003 apud VITORINO e PIANTOLA, 2011, p. 103). A CoInfo necessita desta dimensão, porém é preciso que ela esteja articulada com as outras dimensões, para que se relacione com contextos políticos e sociais.

A dimensão política fica evidente na contemporaneidade pela preocupação dos governos com as questões informacionais e na propagação de políticas de informação, além disso está diretamente atrelada ao exercício da cidadania. Quando a CoInfo é um processo em andamento, ainda mais com ênfase no pensamento reflexivo e na crítica, o conhecimento da pessoa se monta de maneira crítica e, conseqüentemente, mais embasada. Essa não é uma construção massificadora, mas construtiva e dialógica, que proporciona um crescimento progressivo e multiplicador do conhecimento.

Robert Dermerig, traz na conclusão seu artigo “Exploring the Political Dimensions of Information Literacy through Popular Film” os mesmos conceitos que Vitorino (2011) e Brisola (2017) suscitam, que fazem parte da obra de Paulo Freire sobre a necessidade de uma educação dialógica, que busca na realidade do aluno, os “temas geradores”, como denomina Freire (1987), para evocar o interesse e o pensamento crítico. A dimensão política da informação é evidenciada nesses diálogos com o usuário e/ou estudante. De acordo com Dermering (2010) “através da exploração de tais textos e contextos culturais que a alfabetização informacional se torna verdadeiramente crítica, uma forma de ação política e de transformação promovida em sala de aula, praticada no mundo” (DERMERING, 2010, p. 280)

Entretanto, é a crítica que possibilita a práxis junto à consciência. “Por isso também, é que o mero reconhecimento de uma realidade que não leve a esta inserção crítica (ação já) não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro” (FREIRE, 1987, p.21). A inserção da crítica só existe na relação dialética entre objetividade e subjetividade. Para que o sujeito desenvolva seu conhecimento e Competência Crítica em Informação, com potência de absorção, gosto e criticidade, é preciso que trave com a informação uma relação dialógica e dialética, que consiga associar a informação às suas vivências e conhecimentos anteriores. Seja para confrontá-los, completá-los ou confirmá-los.

Assim, sem que profissionais de Biblioteconomia, educadores entre outros, façam a ponte dialógica entre realidade e informação. Compreende-se que fica difícil ao indivíduo alijado de sua criticidade pelo sistema hegemônico de formação, cruzar essa

linha opressora e hegemônica que separa a informação de sua realidade, como se a informação fosse uma coisa acima de sua vivência e inalcançável. Essa sensação de apartamento, dificulta o despertar do interesse pela informação e pelo conhecimento, conseqüentemente atrapalha o desenvolvimento da Competência Crítica em Informação e da consciência do que é ser cidadão, para assim, apropriar-se de sua cidadania.

A participação de bacharéis Biblioteconomia é tão importante quanto a de educadores, utilizando a perspectiva educadora de Freire (1987). “Educador e educandos (...), co-intencionados à realidade, se encontram em uma tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e assim, mas também no de re-criar esse conhecimento.” (FREIRE, 1987, p.31). Diante disso, salienta-se à importância da Licenciatura em Biblioteconomia como uma formação profissional que une Educação e Biblioteconomia. Acredita-se que uma formação focada no contexto educacional, possibilita uma atuação que foque sobretudo na participação política, especialmente no atual contexto de crise, disseminação de *fake news*, pós verdade e desinformação. A licenciatura em Biblioteconomia, nesse contexto, pode auxiliar nas ações educativas, formação de redes de apoio para o exercício da cidadania e mobilização de militância social. São portanto, seus representantes, profissionais da resistência.

Assim, o estímulo e apoio à Competência Crítica em Informação do indivíduo, promove um reencontro com o seu ser no mundo, seu potencial de modificar sua realidade e a história. Conseqüentemente, ele se dá conta de sua cidadania, sua condição de povo com seus direitos e deveres, inclusive de repensar o mundo e suas engrenagens. Assim, como os operários nas fábricas se deram conta da exploração que sofriam e se mobilizaram, já no início da revolução industrial, o cidadão comum, percebendo-se em sua realidade, à partir da Competência Crítica em Informação, se auto mobiliza e promove ou participa de mobilizações enquanto cidadão.

O conceito de cidadania se relaciona essencialmente com a consciência e a vivência de direitos e deveres. A noção mais geral de cidadania fundamenta-se em três direitos básicos: civis (de ir e vir, à segurança, à liberdade de religião), sociais (a trabalho, salário, educação) e políticos (a liberdade de expressão, voto, participação política) (SAES, 2001).

O exercício da cidadania, entretanto, só ocorre a partir de processos de educação, aprendizagem, informação e conscientização do cidadão. Esses elementos são importantes para que a pessoa compreenda o ambiente social, político e econômico onde está inserida e, assim, tenha a capacidade de desenvolver senso crítico para exercer seus

direitos e deveres. A capacidade crítica, de interpretação e de aprendizado das pessoas é fundamental para que a inclusão cidadã de fato aconteça.

Nesta dimensão política, a Competência Crítica em Informação pode levar os indivíduos a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A pesquisa por uma informação avaliada, sobre critérios pré-estabelecidos em lugar da mera replicação e repetição de informações desconectadas da sua realidade, podem promover consciência cidadã e interferência nas políticas informacionais.

A dimensão estética refere-se a parte do sensível, da percepção, como a própria etimologia da palavra grega *aisthesis* indica. Esta dimensão mais subjetiva da Competência em Informação está ligada também às práticas e percepções sociais e coletivas dos entes e faz parte do “ser”.

pode-se afirmar que a própria informação comporta uma dimensão estética, pois transmite-se aos indivíduos tanto a partir de referenciais do mundo exterior, com base em dados empíricos, verificáveis, objetivos, quanto do interior, por meio da intuição, da sensibilidade, da imaginação e da reflexão pessoal. (VITORINO e PIANTOLA, 2011, p.103)

De acordo com as autoras, esta dimensão se refere à experiência subjetiva individual de cada pessoa ao lidar com a informação, na aquisição, expressão ou ação no âmbito coletivo. Na aquisição, articulamos mentalmente a informação com experiências pessoais à nível psíquico, conferindo a ela algo pessoal em maior ou menor proporção. Na expressão, imprimimos estas características pessoais ao compartilhá-la.

É nesta dimensão estética também que se dá o gosto por esta ou aquela informação, aproximando a pessoa da informação que lhe é útil, mas também conferindo uma vulnerabilidade para a informação distorcida, manipulada ou até falsa, quando esta se adequa às expectativas subjetivas e/ou emocionais deste indivíduo. É justamente nessa lacuna, associada à parca Competência Crítica em Informação, que a desinformação, os boatos e a pós verdade encontram terreno fértil.

Por outro lado, o conhecimento e o gosto por ele só são possíveis se as informações recebidas tiverem afinidade com as vivências, valores e aparentarem ter algum significado para o indivíduo, permitindo nova interpretação da realidade. Apenas as habilidades técnicas, sem a capacidade crítica de interpretação, experimentação e valorização, não definem Competência Crítica em Informação. Profissionais de

Biblioteconomia podem atuar nesta dimensão, criando empatia com o usuário, tratando sua questão problema como um gancho para o pensamento crítico de uma maneira dialógica, não apenas entregando informação, mas transformando essa mediação em algo interessante, que desperte o gosto pelo saber e sua busca.

O papel destes profissionais vai além da disponibilidade do uso técnico da informação, pode também ser instrumento no despertar do gosto e estímulo à formação do pensamento crítico, colaborando portanto com a Competência Crítica em Informação. A questão da estética agrega pensamento crítico e criatividade à CoInfo. Daí uma das ênfases e o uso do nome Competência Crítica em Informação quando tratamos desse tipo de competência.

A dimensão ética envolve as questões regulatórias, bem como a reflexão crítica sobre a dimensão moral do comportamento humano/social. Ela “pressupõe um juízo crítico” relacionando-se “diretamente à noção de autonomia, na medida em que o indivíduo ético decide por si suas ações após ponderar sobre suas possíveis consequências não apenas no âmbito pessoal, mas principalmente coletivo” (VITORINO e PIANTOLA, 2011, p.105).

A Competência Crítica em Informação torna-se então aliada da Ética, uma vez que a pessoa com este saber pode avaliar ética e criticamente as informações que recebe, utiliza e produz. Informações estas, que em geral estão atreladas a julgamentos de valor, novamente justificando o uso enfático da crítica no corpo do termo.

É comum vermos discussões na CI sobre ética em relação à ética profissional ou em questões de propriedade intelectual, direitos autorais, plágio, memória, etc. Mas, como definem Johnston e Webber (2006 apud VITORINO e PIANTOLA, 2011, p. 106) a competência em informação é “a adoção de um comportamento informacional apropriado para identificar, mediante **qualquer canal ou meio**, informação adequada às necessidades, levando ao **uso correto e ético da informação na sociedade**” (grifo nosso).

O espaço digital é, atualmente, um dos maiores meios de circulação da informação. É também o espaço no qual a hegemonia se impõe e por onde tem circulado grande parte do que chamamos de desinformação e pós-verdade. Contudo, é também um espaço com potencial democrático, que deveria ser usado mais eticamente na propagação de informação, para a promoção da Competência Crítica em Informação e do pensamento crítico e científico.

A ciberética presente nos escritos de Capurro, refere-se a informação no meio digital e é “uma teoria ética de regras e valores da comunicação via Internet e da sua governança”<sup>5</sup> (CAPURRO, 2015, p. 323). Com a possibilidade da utilização da internet como um meio de interferência nos processos informacionais do mundo físico, sua problematização se estende para além das questões do ciberespaço. “A ciberética, em um sentido restrito, analisa as formas com as quais a internet condiciona a comunicação entre indivíduos, grupos, sociedades, empresas etc.” (CAPURRO, 2015, p. 323). Esse condicionamento pode ter efeito positivo, como no caso da liberdade de expressão e interação, ou ainda, no desenvolvimento de processos democráticos e participativos. Ou efeitos negativos, como nos casos de vigilância, controle, exclusão ou censura. “A ciberética pode conceber-se como uma teoria sobre a liberdade no meio digital” (CAPURRO, 2015, p. 323).

Capurro também destaca um trecho de Kant, no qual ele explica o porquê do interesse dos estados nestas coligações, principalmente fomentadas pelo comércio, incompatível com a guerra. Para Kant, há um estreito relacionamento entre “a lei de cidadania mundial’ (*“Weltbürgerrecht”*), o ‘espírito de comércio’ (*“Handelsgeist”*) e ‘o poder do dinheiro’ (*“Geldmacht”*)” (CAPURRO, 2016, p. 57). Poderes hegemônicos que costumam também controlar a internet e a informação.

No coração deste debate é preciso assegurar que, em um mundo em que muitos, senão todos os detalhes importantes de nossas vidas – incluindo nossos relacionamentos – existem em ciber-perpetuidade, as pessoas retêm, ou recuperam, algum nível de controle sobre as suas vidas online. Enquanto o mundo do esquecimento pode ter desaparecido, podemos reformular uma nova maneira que nos beneficie em vez de uma que nos esmague. Nossa tarefa principal é construir uma forma de vida digital que reforce o nosso sentimento existente de ética e valores, com segurança, confiança e justiça em seu cerne. (BACKSTROM, 2014 *apud* CAPURRO, 2016, p.66).

A ética é imprescindível para pensar e lidar com a informação na atualidade. Voltamos com Capurro à questão da Competência Crítica em Informação como capacidade necessária ao cidadão para sobreviver, se conscientizar e recobrar algum nível de controle sobre suas vidas *online* e no mundo físico. Afinal, vigilância e privacidade são problemas

---

<sup>5</sup> Tradução, de responsabilidade das autoras deste texto, do original em espanhol.

crônicos, uma vez que as informações individuais circulam no meio digital sem que os usuários sequer tenham percepção disso.

#### **4 O PAPEL DE PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA PARA A COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO**

A Teoria Crítica, que influencia diretamente a Pedagogia Crítica, tem na atualidade, segundo Elmborg (2012), congruência com a filosofia da biblioteca. Mas ele pergunta como essa filosofia, de fato, se desempenha nos papéis que profissionais de Biblioteconomia assumem na educação dos estudantes? Para o autor, uma maneira de enquadrar, é pensar como a Biblioteconomia pode ser vista como uma forma de viver e praticar estudos críticos. Para ele, a resposta é o desenvolvimento de Competência Crítica em Informação.

Elmborg (2012), influenciado pela da pedagogia crítica, especialmente com base nos estudos do educador brasileiro Paulo Freire, convida-nos a refletir sobre o quão problemática a relação ensino-aprendizagem pode ser quando não são levados em consideração os conflitos culturais e sociais que moldam nosso imaginário sobre o papel da escola e da biblioteca escolar. O autor atenta para a incipiente produção bibliográfica sobre o tema nos EUA e destaca a importância da atuação educadora por parte de bibliotecárias e bibliotecários.

Trazendo essa perspectiva para o contexto brasileiro, reconhece-se a formação da licenciatura em Biblioteconomia, como a que mais adequa a perspectiva do autor no que se refere a atuação de profissionais de Biblioteconomia na relação ensino-aprendizagem. Destaca-se a importância destes profissionais uma vez que toda a formação Biblioteconômica é atrelada à didática, à Filosofia da Educação e à dinâmica e organização escolar (UNIRIO, 2009). O autor recomenda que profissionais de Biblioteconomia questionem-se não só sobre o conceito e bases filosóficas que fundamentam a Competência Crítica em Informação, mas também reflitam sobre o que podem fazer tanto para o desenvolvimento da área, como na sua atuação na sociedade.

A “Competência crítica em informação existe em uma relação entre pessoas e informação mais do que uma coisa identificável por si só”<sup>6</sup> (ELMBORG, 2012, p. 78). Elmborg defendeu a transição da Competência em Informação, mais tecnicista, para uma

---

<sup>6</sup> Tradução, de responsabilidade das autoras deste texto, do original em inglês.

mais crítica, mais rica e mais centrada no humano. Profissionais de Biblioteconomia que se envolvem com a perspectiva crítica e humanista no seu fazer no mundo como profissional, colaboram com a cidadania de seus usuários estimulando o pensamento crítico e trabalhando a Competência Crítica em Informação destes.

A percepção deste profissional a respeito das condições econômicas, sociais e culturais que incidem sobre a informação e o usuário, bem como as dimensões aqui citadas da própria informação, são fundamentais para que sua mediação com o usuário seja adequada, estimulante e crítica. Elmborg (2012) confronta a felicidade ante uma consciência crítica, “a consciência de que os confortos materiais e a felicidade dependem, em diferentes circunstâncias, daqueles que ainda precisam “fazer” e daqueles que talvez nunca façam”<sup>7</sup> (ELMBORG, 2012, p. 78). A consciência das discrepâncias sociais e dos condicionantes que atingem os indivíduos os empurrando mais para cima ou engessando mais abaixo, constitui um problema fundamental para educadores, profissionais de Biblioteconomia e pesquisadores da área. Como o autor coloca, “Uma vez que estamos despertados para a questão, não podemos “desquestionar” isso”<sup>8</sup> (ELMBORG, 2012, p. 78).

A Competência Crítica em Informação leva em consideração os fatores socioeconômicos e culturais do usuário e não apenas a eficiente busca e uso da informação de maneira tecnicista. É preciso perguntar para quem e para o quê essa informação é útil. A/O bibliotecária/o acadêmica/o, como todas as outras partes interessadas, que não leva em conta a dimensão crítica, se mantém a uma distância da usuária(o)/estudante. Apenas avalia seu progresso em relação à Competência em Informação, usando a vareta de medição dos padrões, o que se considera ser uma replicação do produtivismo capitalista hegemônico.

Nesse aspecto, profissionais de Biblioteconomia, especialmente com formação em licenciatura, que abraçam o fazer crítico, procuram quebrar o ciclo da educação bancária e incorporar o pensamento de Freire de que homens e mulheres são seres conscientes, capazes de romper a ideia determinista e modificar suas histórias. Emprestando a teoria de Freire, o contato com a informação é então focado em atos de cognição e não em mera transferência. A relação entre profissional de Biblioteconomia e estudantes deixa de ser vertical e distante para assumir uma relação dialógica, que desenvolve uma *práxis* crítica,

---

<sup>7</sup> Tradução, de responsabilidade das autoras deste texto, do original em inglês.

<sup>8</sup> Tradução, de responsabilidade das autoras deste texto, do original em inglês.

reposicionando assim, usuária(o)/estudante em uma “consciência crítica” emancipatória (FREIRE, 1987).

O primeiro passo para contribuir com essa nova estrutura estimulante da Competência Crítica em Informação, é reconhecer que o sistema bancário é dominante. Feito isto, é necessário tomar a teoria crítica como componente do eixo filosófico da Biblioteconomia, ela (teoria crítica) deve fazer parte da formação profissional e acadêmica de estudantes de Biblioteconomia. De acordo com Elmborg, o papel destas/es profissionais é fundamental, pois

Essa pessoa, a bibliotecária crítica da competência crítica em informação, procura uma maneira de envolver estudantes como mais do que os repositórios de informações. Esta bibliotecária/o crítica/o da competência crítica em informação vê estudantes como seres humanos frágeis negociando uma paisagem implacável e altamente competitiva. Esta/e bibliotecária/o reconhece a necessidade dos jovens serem mais do que os consumidores em um padrão esperando por uma idade adulta que se parecerá muito com a escola. Esta/e bibliotecária/o se tornará "crítico" nas formas em que o capitalismo ocidental restringiu o significado de nossas vidas para ganhar e gastar. Esta/e bibliotecária/o pensará que é "crítica/o" encontrando maneiras de estar no mundo e em nossa profissão que serão mais gratificantes e mais humanizadoras. (ELMBORG, 2012, p. 93) (tradução nossa)

Diante disto, percebe-se grande influência do pensamento de Paulo Freire nos estudos sobre Competência Crítica em Informação desenvolvido por Elmborg (2012). Acredita-se que a pedagogia crítica e a Competência Crítica em Informação enquanto áreas do saber devem ser incorporadas nos currículos de estudantes de Biblioteconomia tanto na modalidade licenciatura quanto bacharelado. Desta forma, acredita-se que a formação e atuação de profissionais de Biblioteconomia críticos possam contribuir efetivamente para mudanças individuais, institucionais e sociais, sobretudo na luta contra a desinformação, combate à disseminação de *fake news* e reflexão sobre a pós-verdade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta explanação, percebe-se que a Ética perpassa todos os aspectos da informação e da Competência Crítica em Informação. Assim, torna-se necessária uma ênfase no estudo da Ética nas abordagens teóricas sobre a Informação, e, na Competência Crítica em Informação de maneira mais abrangente e prática, que considere a informação

em toda sociedade. Estima-se sobretudo, que a Competência Crítica em Informação, preocupe-se com a cidadania e a perspectiva Ética da informação, inclusive àquela propagada pelo Estado, pelos meios de comunicação e àquelas que de alguma forma estão atreladas a interesses econômicos e políticos dominantes, ou seja, seu viés crítico.

Se faz necessário levar em consideração as dimensões e abrangências da Competência Crítica em Informação, aprofundando os estudos críticos - Teoria Crítica e Pedagogia Crítica - e inferir maneiras práticas de promover as competências nas pessoas de maneira que contribuam com a sociedade e a cidadania. É preciso também, incentivar estudos que investiguem formas de utilização dos espaços informacionais (museus, bibliotecas, entre outros espaços públicos e privados) e educativos (escolas e universidades) para a promoção desta Competência Crítica em Informação.

Acredita-se que a inclusão desses temas (Teoria e Pedagogia crítica) na formação de profissionais de Biblioteconomia (licenciatura e bacharelado) seja um grande passo para mudar o exercício destes profissionais, não só em seus ambientes de trabalho como também na sua visão de mundo e participação na mudança social de diferentes comunidades.

Como salienta Capurro (2016), é tarefa da Ciência da Informação “construir uma forma de vida digital que reforce o nosso sentimento existente de ética e valores, como segurança, confiança e justiça”, e como desenvolvido nesse texto, torna-se este, papel também da Biblioteconomia. É preciso construir um contexto informacional que reforce a ética no indivíduo, utilizando a Competência Crítica em Informação como ferramenta de resistência frente às estruturas dominantes. Desta forma, através da união entre Biblioteconomia e Educação (formal e informal) possibilitará ao cidadão, perceber-se no mundo informacional que o envolve, interferir e resistir a esse mundo de maneira ética e emancipatória.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Framework for Information Literacy for Higher Education. 2015. Disponível em:  
<[http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework\\_ILHE.pdf](http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/Framework_ILHE.pdf)>

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BELLUZZO, R. C. L. B.; SANTOS, C. A. J.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas.

**Informação & Informação**, v. 19, n. 2, 2014.10.5433/1981-8920.2014v19n2p60.

DOI:10.5433/1981-8920.2014v19n2p60. Disponível em:

<<http://www.brapci.inf.br/v/a/16020>>. Acesso em: 08 Abr. 2018.

BRISOLA, Anna Cristina. Um embate contemporâneo: informação, desinformação e competência em informação. **Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação - XIII CIFORM**, Salvador, 2017. Disponível em:<<http://www.cinform2017.ufba.br/modulos/submissao/Upload-366/89463.doc>>. Acesso em: 03/03/2018.

CAPURRO, Rafael. Cidadania na Era Digital. In: **Comunicação, Cultura, Informação e Democracia: tensões e contradições**. Org. Adilson Cabral e Eula Cabral. Tradução de Marco Schneider e Arthur Bezerra. Ed. Media XXI. 2016.

CAPURRO, Rafael. Entrevista [07/10/2015]. In: SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo. Dilemas ético-epistemológicos da era da informação. **Liinc em revista**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 322-328, novembro 2015. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/844/564>> Acesso em: 05 dez. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

DETMERING, Robert. Exploring the political dimensions of information literacy through popular film. **Libraries and the Academy**, Vol. 10, N. 3, July 2010. Disponível em: <<https://ir.library.louisville.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=faculty>>. Acesso em: 03/04/2018.

ELMBORG, James. Critical Information Literacy: Definitions and Challenges. **School of Library and Information Science Publications**. Iowa, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. Lisboa: Companhia Editora Nacional, 1964. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_kant\\_metafisica\\_costumes.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_kant_metafisica_costumes.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2017.

MARTINS, Moisés de Lemos. Comunicação e Cidadania - Actas do **5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**. 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho), 2008.

RAMONET, Ignacio. O Poder Midiático, in MORAES, Denis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 243-252.

ROMANELLI, R. A.; SCHNEIDER, Marco. Ciência, Interesse e Linguagem: Alguns Desafios da Divulgação Científica. In: Denise Tavares; Renata Rezende. (Org.). **Mídias & Divulgação Científica - Desafios e Experimentações em meio à Popularização da Ciência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2014, p. 33-51.

SAES, Décio Azevedo Marques de. **Cidadania e capitalismo: uma crítica à concepção liberal de cidadania**. 2003.

SERRANO, Pascual. **Desinformação: como os meios de comunicação ocultam o mundo**. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

SPUDEIT, Daniela et al. Criação, implantação e avaliação de um programa de competência em informação em alunos do ensino fundamental. **RBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 885-906, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO. Escola de Biblioteconomia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Biblioteconomia**. Rio de Janeiro, 2009.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional (2). **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 40 n. 1, p. 99-110, jan./abr., 2011.

Recebido em: 05 de dezembro de 2017 Aceito em: 02 de maio de 2018
--